



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ÓBITOS POR SEPTICEMIA DE MULHERES EM IDADE FÉRTIL NO BRASIL

Alfredo Filho Ribeiro de Assunção¹, Pedro Gabriel Araujo Pereira Itapary ², Maria Carolina de Brito Fernandes³, Pietra Marçal Domingues Leite⁴, Juliana Braga Rodrigues de Castro⁵

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer, descrever e analisar o perfil epidemiológico de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil e óbitos maternos no Brasil entre 2017 a 2021. Realizou-se um estudo epidemiológico ecológico retrospectivo, quantitativo e descritivo baseado na coleta de dados através do sistema de informação de Agravos de Notificação (SINAN), na plataforma de banco de dados digitais do SUS (DATASUS). Evidenciou-se maiores concentrações dos casos de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil na região sudeste com faixa etária entre 40 a 49 anos, na cor parda, principalmente em mulheres que não estavam grávidas nem no puerpério e com 8 a 11 anos de estudo.

Palavras-chave: Óbitos; Septicemia; Mulheres; Idade fértil; Maternos.

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF DEATHS FROM SEPTICEMIA OF WOMEN OF FERTILE AGE IN BRAZIL

ABSTRACT

This article aims to understand, describe and analyze the epidemiological profile of deaths due to septicemia in women of childbearing age and maternal deaths in Brazil between 2017 and 2021. A retrospective, quantitative and descriptive ecological epidemiological study was carried out based on the collection of data through the Notifiable Diseases Information System (SINAN), on the SUS digital database platform (DATASUS). There was a greater concentration of cases of deaths due to septicemia in women of childbearing age in the Southeast region, aged between 40 and 49 years, mixed race, mainly in women who were neither pregnant nor in the postpartum period and with 8 to 11 years of education.

Keywords: Deaths; Septicemia; Women; Fertile age; Maternal.

Instituição afiliada: 1 - Universidade Nacional de La Plata, UNLP, Argentina; 2 - Universidade Federal Do Piauí CSHNB; 3- Universidade Potiguar; 4 - Faculdade Estacio de Sá - Jaraguá do Sul; 5- Faculdade Uninta de Itapipoca: ITAPIPOCA, CE, BR

Dados da publicação: Artigo recebido em 30 de Outubro e publicado em 10 de Dezembro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p5027-5036>

Autorcorrespondente: Alfredo Filho Ribeiro de Assunção – alfredofilho35@gmail.com



This work is license [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A sepse é um conjunto de manifestações graves caracterizada pela síndrome de resposta inflamatória, causada por uma infecção que pode se originar em um local e causar alterações sistêmicas na tentativa de combatê-la, exigindo um pronto reconhecimento e tratamento precoce. Trata-se de uma condição complexa que necessita de diversos equipamentos, medicamentos e uma equipe especializada, sendo a principal geradora de custos no sistema público e particular (Almeida et al., 2022)

A septicemia é uma das principais causas de morte em UTIs (unidade de tratamento intensivo), com mortalidade em torno de 67,4%. O diagnóstico de sepse ainda é um grande desafio, visto que, se não identificada precocemente, poderá culminar em choque, falência de órgãos ou até a morte. Um dos motivos pelos quais o diagnóstico de sepse é desafiador deve-se ao fato de que as primeiras manifestações clínicas podem passar despercebidas ou serem confundidas com as de outros processos não infecciosos (Da Silva Ribeiro & Fernandes de Moura Pires, 2018)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu como óbito materno a mortalidade durante uma gestação ou 42 dias após seu fim por problemas ou agravos nesse período, sendo por causas diretas ou indiretamente obstétricas. As causas diretas são complicações na gestação, parto ou puerpério, relacionadas a tratamentos inadequados, maus hábitos e omissões. Já as indiretas são aquelas resultantes de doenças que já existiam, ou seja, presentes antes da gestação ou desenvolvidas durante esse período, porém sem fundamento obstétrico, apenas sendo agravada pelas mudanças fisiológicas da fase gestacional (Martins & Silva, 2018).

Esse artigo tem como objetivo conhecer o perfil epidemiológico dos óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil e óbitos maternos no Brasil, no período de 2017 a 2021.

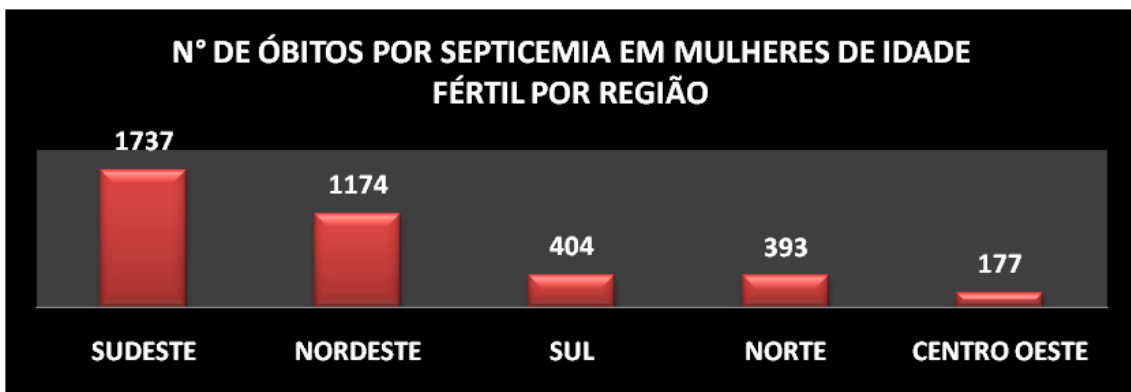
METODOLOGIA

Realizou-se um estudo epidemiológico ecológico retrospectivo, quantitativo e descritivo por dados coletados a partir do Sistema de Informação de Mortalidade (SINAN), na plataforma do Banco de Dados Digitais do SUS (DATASUS), do período de

2017 a 2021. As variáveis analisadas sobre as outras septicemias em mulheres em fértil foram: óbitos de mulheres de idade fértil por região, óbitos de mulheres de idade fértil por faixa etária segundo região, óbitos de mulheres de idade fértil por cor / raça segundo região, óbitos de mulheres de idade fértil por morte na gravidez / puerpério e óbitos de mulheres de idade fértil por escolaridade segundo região. A coleta foi realizada 13/11/2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas regiões do Brasil, no período de 2017 a 2021 foram registrados 3885 óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil. A região Sudeste com 1737 (44,71%) casos foi a região com maior número de óbitos por septicemia em mulheres férteis. Seguida respectivamente da região Nordeste com 1174 (30,22%), região Sul com 404 (10,40%), região Norte com 393 (10,11%) e com menor números de casos a região Centro Oeste com 177 casos (4,56%).



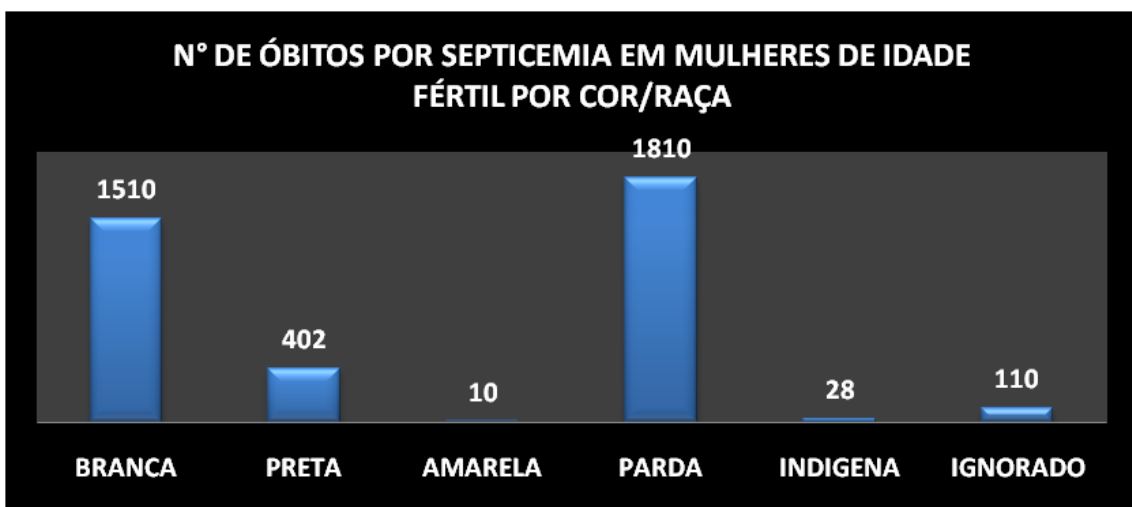
Fonte: SINAN, 2023.

Em relação a óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por faixa etária segundo região, teve destaque na primeira posição, a faixa etária de “40 a 49 anos” com 1926 (49,56%) casos de óbitos considerando todas as regiões. A segunda faixa etária com maior número de óbitos registrados foi a de 30 a 39 anos, com 1063 (27,36%) casos. A faixa etária de 20 a 29 anos aparece como a terceira maior em número de casos, com 553 (14,23%) óbitos registrados. Na quarta posição, encontra-se a faixa etária de 15 a 19 anos com 210 (5,42%) óbitos. Com uma quantidade menor de óbitos registrados, a faixa etária de 10 a 14 anos com 133 casos representou apenas 3,43% do total.



Fonte: SINAN, 2023.

Em relação a óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por cor / raça segundo região, a “cor parda” predominou com 1810 (46,77%) óbitos registrados. Na segunda posição, observou-se a cor branca com 1510 (39,02%) óbitos registrados. Na terceira posição, registrando 402 (10,39%) óbitos, ficou a cor preta. Na quarta posição, a cor indígena foi responsável por apenas 28 (0,72%) casos. Na quinta posição, a cor amarela aparece com apenas 10 (0,26%) óbitos. Ainda é importante notar que 110 (2,84%) casos não tiveram a cor especificada.



Fonte: SINAN, 2023.

Em relação a óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por morte na gravidez / puerpério segundo região, teve destaque na primeira posição as classificadas em “não na gravidez ou no puerpério” com 2070 (53,28%) casos de óbitos. Na segunda posição, as mulheres classificadas em “durante puerpério, de 43 dias a menos de 1 ano” somaram 15 (0,39%) óbitos. Na terceira posição, observaram-se casos nas mulheres classificadas em “durante a gravidez, parto ou aborto” com 11

(0,28%) óbitos registrados. Na quarta posição, “durante puerpério, até 42 dias”, registrou 9 (0,23%) óbitos. Em 1780 (45,82%) óbitos, não houve informações sobre a classificação clínica da mulher.



Fonte: SINAN, 2023.

Em relação a óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por escolaridade segundo região, destacaram-se na primeira posição “8 a 11 anos de estudos” com 1091 (28,08%) casos de óbitos. Na segunda posição “4 a 7 anos de estudos” com 894 (23,01%) casos de óbitos. Na terceira posição “1 a 3 anos de estudos” com 456 (11,74%) casos de óbitos. Na quarta posição “nenhum estudo” com 444 (11,43%) casos. Na quinta posição “12 anos e mais de estudos” com 318 (8,18%) óbitos. Ainda, 682 (17,56%) casos foram registrados com escolaridade ignorada.



Fonte: SINAN, 2023.

Analisando o número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por região foi possível observar que a região sudeste teve maior número de casos com 44,71% e a região centro oeste o menor número de casos com 4,56%, explica-se em parte pelo fato de que a região sudeste tem o maior número de habitantes das regiões do Brasil e a região centro oeste o menor número de habitantes. Demonstrando de forma geral que o número de óbitos por septicemia de mulheres de idade fértil está distribuído no país conforme o número de habitantes por regiões brasileiras. Almeida *et al.*, 2022relata que as regiões brasileiras com menores índices de internações foram as regiões Centro-Oeste (4,4%) e Norte (5,4%). Do mesmo modo, essas regiões representaram os menores coeficientes de mortalidade, totalizando 12,1 óbitos/100 mil habitantes da região Norte (IC95% 11,6–12,6) e 12,8 óbitos/100 mil habitantes da região Centro-Oeste (IC95% 12,2–13,4). Diante disso, um dos possíveis motivos para o menor número de internações e óbitos é a baixa densidade demográfica dessas regiões.

Com relação ao número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por faixa etária segundo a região, observamos que a faixa etária de 40 a 49 anos destacou-se com maior número de casos com 49,56% enquanto a faixa etária de 10 a 14 anos registrou o menor número óbitos 3,43%. Nesse sentido, quanto maior a idade maior o risco de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil, onde a faixa etária de 40 a 49 anos correspondeu a 49,56% dos óbitos, representando quase o dobro de óbitos da faixa etária de 30 a 39 anos com 27,36% dos óbitos. Essa faixa etária representou também quase o dobro de óbitos da faixa etária de 20 a 29 anos que correspondia a 14,23% dos casos. Nesse sentido, infere-se que a cada 10 anos na faixa etária, aumenta em aproximadamente 2 vezes o risco de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil.

Em relação ao número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por cor / raça segundo região, observa-se o maior número de casos na cor parda com 46,77%. Na segunda posição a cor branca com 39,02% dos casos. Esses dados demonstram que a cor parda e branca tem maior probabilidade de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil. Isso contraria o fato de que o Brasil tem maior número de habitantes declarados de cor preta, o que poderia sugerir uma maior

ocorrência de óbitos nessa população, a qual abre uma lacuna para novos estudos para validar os dados coletados pelo DATASUS.

Com relação ao número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por morte na gravidez, puerpério segundo região, destaca-se como maior número de casos nas mulheres classificadas como “não na gravidez ou no puerpério” com 53,28%. Na segunda posição “durante puerpério, de 43 dias a menos de 1 ano” com 0,39%. Durante a gravidez, parto ou aborto com 0,28%. Ignorados ou não informados foram registrados 45,82% dos casos. Esse alto número de sepses onde não foi possível estabelecer a classificação clínica das mulheres registradas pode falsear as conclusões desse estudo, de que o maior número de casos com 53,28% ocorre em mulheres não grávidas ou no puerpério. Um estudo realizado no estado de São Paulo (Gil & Gomes-Sponholz, 2013) mostrou uma tendência para o preenchimento incompleto das declarações de óbitos de mulheres em idade fértil, podendo ser uma explicação para essa grande ausência de informações sobre a classificação dos óbitos das mulheres em idade fértil deste estudo.

Por último, com relação ao número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil por escolaridade segundo a região, destaca-se como maior número de óbitos em mulheres com 8 a 11 anos de estudos representando 28,08% do total. Mulheres sem nenhum estudo representou 11,43% dos óbitos enquanto mulheres com 12 anos e mais de estudos representaram 8,18%. O número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil não foi registrada proporcionalmente conforme o nível de escolaridade, mas observa-se que mulheres com 12 anos e mais de estudos obtiveram menor número de casos registrados e o maior número de casos registrados entre as que as que tiveram 8 a 11 anos de estudos. Nesse sentido, o nível de escolaridade não está associado diretamente com o número de óbitos por septicemia em mulheres de idade fértil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sepsé é uma preocupação para a saúde pública do Brasil, além de ser uma das principais causas de internações em UTI, aumenta os gastos da administração pública e representa uma das principais causas de morte hospitalar.

Em relação às regiões do Brasil, observou-se uma maior concentração dos casos de septicemia na região sudeste. Já em relação à faixa etária de ocorrência, nota-se uma maior prevalência nas mulheres com idade entre 40 e 49 anos. A cor das mulheres em idade fértil vítimas de septicemia houve uma predominância na cor parda. Em relação à escolaridade, houve maior ocorrência dos óbitos em mulheres que tinham de 8 a 11 anos de estudo.

É possível concluir que a maior parte das septicemias ocorreu em mulheres em idade fértil que não estavam grávidas nem no puerpério, tendo como limitação para essa conclusão o fato de que em 45% dos casos não havia informações sobre a presença ou não de gravidez ou puerpério.

REFERÊNCIAS

- Almeida, N. R. C. de, Pontes, G. F., Jacob, F. L., Deprá, J. V. S., Porto, J. P. P., Lima, F. R. de, & Albuquerque, M. R. T. C. de. (2022). Análise de tendência de mortalidade por sepse no Brasil e por regiões de 2010 a 2019. *Revista de Saúde Pública*, 56, 25. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056003789>
- Da Silva Ribeiro, M., & Fernandes de Moura Pires, H. (2018). SEPSE EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA EM UM HOSPITAL PÚBLICO: ESTUDO DA PREVALÊNCIA, CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS, FATORES DE RISCO E MORTALIDADE. *Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa*, 3. <https://doi.org/10.5102/pic.n3.2017.5872>
- Gil, M. M., & Gomes-Sponholz, F. A. (2013). Declarações de óbitos de mulheres em idade fértil: busca por óbitos maternos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(3), 333–337. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000300005>
- Martins, A. C. S., & Silva, L. S. (2018). Epidemiological profile of maternal mortality. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(suppl 1), 677–683. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0624>